

O EXEMPLO TICUNA NA TRÍPLICE FRONTEIRA: BRASIL, COLÔMBIA E PERU



Michel Justamand¹

RESUMO: O presente artigo trata do povo Ticuna, que vive no Alto Solimões, na região da tríplice fronteira amazônica, entre Brasil, Colômbia e Peru. Essa região se localiza a mais de 1000 km de Manaus, capital do estado do Amazonas. Descrevemos as atuais ações desse povo indígena que tem sido protagonista de inúmeros fatos relevantes, tanto para eles próprios quanto para servirem de exemplos para outros povos, indígenas ou não, da região. Iniciamos com um breve resgate histórico arqueológico e, posteriormente, apresentamos as ações que embasam nossas reflexões sobre o protagonismo dos Ticuna no Amazonas. Procuramos apontar, especialmente, as conquistas Ticuna na área da educação, desde a primária até a pós-graduação; mostramos, também, que existem integrantes do povo Ticuna ocupando espaços da administração pública.

PALAVRAS-CHAVE: Ticuna. Protagonismo. Fronteira.

¹ Antropólogo; Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA-IFCS-UFAM)

INTRODUÇÃO

No texto a seguir, nós, autores, tivemos como objetivo apresentar o protagonismo dos Ticuna, uma das muitas etnias indígenas do Brasil, mas que se encontram espalhados pela região da tríplice fronteira brasileira, na área do Alto Solimões, Peru e Colômbia. Essa etnia tem contato com os não indígenas há mais de três séculos, provavelmente.

Os Ticuna têm atuado nessa região amazônica com certa proeminência em alguns aspectos sociais, sendo, relativamente, bem-sucedidos em suas interações com os outros grupos do entorno. Esse sucesso parece-nos se dar devido a um protagonismo baseado em suas características de ir à busca de seus objetivos. Eles são conhecidos como “o povo pescado por vara”, ou seja, povo Magüta, da terra sagrada Eware, na atual comunidade Vendaval, no município de São Paulo de Olivença, no estado do Amazonas, Brasil. Ademais, possuem outra especificidade na região, que é usar uma língua isolada (GUILHERME, 2016, p. 41).

Pensando nesse sentimento de sempre se aprofundar acerca da cultural dos Ticuna, de buscar o novo, decidimos realizar um levantamento sobre os aspectos mais destacados – a nosso ver – da atuação étnica na região. A respeito dessa etnia, observamos, desde há algum tempo, baseados tanto em relatos etnográficos como em bibliografias, tanto nas mais recentes quanto nas antigas, que a educação é uma área em que os Ticuna têm sabido atuar e conseguido obter, em seu favor, a amplificação de suas conquistas, fator que indica um certo protagonismo local, entre as etnias da região, mas não apenas, sendo também exemplo de luta por melhorias para seu modo de vida; essas conquistas têm influenciado as ações de outros povos da região.

Para iniciarmos a escrita, partimos do que a ciência arqueológica já tratou sobre o protagonismo humano da África até chegarmos à região



amazônica, aos Ticuna. Posteriormente, enveredamos a discorrer sobre as formas de protagonizar dos Ticuna, na fronteira, na educação e em outras áreas. Dessa forma, convidamos as(os) leitoras(es) para acompanhar nossa escrita e esperamos que esta proporcione uma reflexão crítica e agradável.

DO PROTAGONISMO ANCESTRAL ATÉ O ATUAL: O CASO DOS TICUNA

Os humanos são protagonistas de uma infinidade de ações pelo mundo; espalharam-se por todos os continentes e em todos os climas da terra encontram-se presentes. Destacamo-nos por nossas intervenções socioculturais, políticas, econômicas, artísticas e outras. Desenvolvemos uma série inumerável de línguas, de formas de nos comunicarmos e de deixarmos nossas marcas em diversos suportes.

Em nossa longa trajetória de mobilidade pelo mundo, como espécie, saindo da África, continente que é nosso berço de nascimento, rumamos por variados caminhos até chegarmos ao continente americano. Muitos ainda acreditam e defendem que os humanos atravessaram o famoso estreito de Bering, na América do Norte, e que, para os nossos ancestrais, esta seria a única rota de chegada às Américas (ADOVASIO; PAGE, 2011), ao passo que outros acreditam que os nossos antepassados teriam chegado neste continente por meio de rotas alternativas, como vindos diretamente do continente africano (MELO, 2000). Contudo, não nos aprofundaremos nessa questão, haja vista que o importante é sabermos que os nossos parentes de tempos antiquíssimos foram também protagonistas em sua busca por terras além mar.

Os espaços correspondentes ao que chamamos de América do Sul – incluindo-se nesta parte geográfica a região amazônica, e, em especial, o estado do Amazonas, no Brasil – têm sido ocupados de forma recorrente, desde tempos ancestrais e imemoriais, por variados agrupamentos humanos, há mais de 10 mil anos (LIMA; COSTA; NEVES, 2007, p. 31), podendo atingir muito mais tempo.

Por meio de pesquisas arqueológicas, baseadas em vestígios e marcas deixadas por esses grupos, sabemos que se multiplicaram etnicamente nessa parte do continente americano (GUAPINDAIA; PEREIRA, 2010), compondo um caldeirão de culturas ainda em estudos, a fim de se saber quantos foram e/ou são. Todos eles, com alguma forma de protagonismo, deixaram seus modos de comunicar e suas marcas, influenciando os que viriam posteriormente. Algumas dessas marcas estão estampadas nas rochas da região amazônica (PEREIRA, 2003; JUSTAMAND, 2012, p. 62) e outras são marcas de grandes proporções, como os geoglifos (SCHAAN; RANZI; PÄRSSINEM, 2008). Sabemos, ainda, que nem a floresta, muito lembrada como natural, o é necessariamente, ou seja, ela existe como a conhecemos, provavelmente, devido à intervenção de mãos humanas (MAGALHÃES, 2016, p. 11).

Antes da constituição do Brasil como Estado, tal como o conhecemos atualmente, houve o processo histórico conhecido como conquista europeia. Esta trouxe para todo o continente americano – mas, em especial, para o Brasil – outros formatos de vivência e de entendimento de mundo, que constitui a visão oriunda dos conquistadores. Essas formas produziram, na maioria dos casos, tensões, guerras e lutas entre os recém-chegados (conquistadores/*outsiders*) e os já estabelecidos, que se encontravam na região muito antes de 1500, os quais passaram a ser conhecidos como indígenas.

Muitas etnias indígenas foram dizimadas por doenças epidêmicas, para as quais não possuíam imunidade, tais como a varíola, trazida pelos europeus, bem como a malária e a febre amarela, pelos africanos (MEGGERS, 1987, p. 210). As lutas, as guerras e os modos de vida diferentes dos conquistadores em lidar com o meio ambiente e com os povos já estabelecidos geraram uma dizimação étnica sem precedentes na região amazônica, no país, no continente, quase pondo fim ao protagonismo indígena amazônico.



O Brasil possui atualmente mais de 235 etnias indígenas reconhecidas, as quais falam mais de 180 línguas que ajudam a compor uma pluralidade sociocultural para a população nacional (RICARDO; RICARDO, 2011, p. 7). Dentre esses grupos espalhados pelo país, há 49 que habitam dois ou três países, como é o caso dos Ticuna, que se movimentam nas cidades de tríplice fronteira (Tabatinga, Benjamin Constant, Atalaia do Norte – no Brasil, Letícia – na Colômbia, e Islândia e Santa Rosa – no Peru, entre outras nos três países), bem como entre suas aldeias e comunidades.

O quadro do perfil sociodemográfico da ascendência da população nacional brasileira mostra que: 15 por cento são fruto de misturas entre negros, índios e brancos; 10 por cento, entre brancos e índios; e 5 por cento, entre índios e negros. Esse quadro aponta que existe uma ascendência indígena da população nacional por volta de 30 por cento (VENTURI; BOKANY, 2013, p. 188), ou seja, uma parte significativa da população brasileira é direta ou indiretamente descendente de grupos indígenas.

A região amazônica, composta por Suriname, Guiana Francesa, Guiana, Colômbia, Venezuela, Peru, Bolívia, Equador e Brasil (estados brasileiros integrantes: Amazonas, Pará, Mato Grosso, Maranhão, Amapá, Roraima, Acre e Rondônia), apresenta uma grande e complexa sociodiversidade. Ao longo dos anos, os povos que ali habitam se multiplicaram aos milhares, constituindo suas próprias formas linguísticas e compondo intrincadas redes sociais e harmoniosos sistemas econômicos de trocas e farturas. Com mais de 180 povos indígenas vivendo nessa região, tem-se uma população de aproximadamente 208 mil indivíduos (HECK; LOEBENS; CARVALHO, 2005, p. 237).

O estado brasileiro do Amazonas possui uma população autodeclarada indígena de mais de 170 mil (RICARDO; RICARDO, 2011, p. 47). Entre estes estão os mais de 36 mil pertencentes aos Ticuna no lado brasileiro, mais os 8 mil na Colômbia e outros 7 mil no Peru. Na região fronteira tríplice amazônica (Brasil, Colômbia e Peru), que se encontra na

rota do rio Solimões, além dos Ticuna, há a presença de outros grupos indígenas, tais como os Kaixana, Kambeba, Kanamari, Karapanã, Kokama, Matsés, Miranha, Mura e Witoto (JUSTAMAND, 2015, p. 163; JUSTAMAND, 2016, p. 117). Mas, além desses grupos, a região possui uma das maiores Terras Indígenas já demarcadas, a TI Vale do Javari. Nela, estão presentes os Korubo, Kulina, Kulina Pano, Marubo, Matis, Matsés (Mayoruna), Tsohpm-Dyapa e os isolados (RICARDO; RICARDO, 2011, p. 363).

Na TI Vale do Javari, há, ainda, os isolados; contudo, não há conhecimento acerca de quantos são e de como vivem. A Fundação Nacional do Índio (Funai) não permite que seja realizado com eles um contato por parte de não índios, visando à preservação de sua saúde. Nos escritos que tratam dos isolados, nas regiões em que o contato está próximo de ocorrer ou já tenha se confirmado, busca-se entender como e onde vivem, se correm riscos de morte ou de perderem sua integridade, bem como procura-se compreender o seu protagonismo na relação com o meio ambiente (NEVES; LOEBENS, 2011; PARELLADA, 2007). Quando o contato com não índios já foi estabelecido, infelizmente, a vida dos isolados pode ter tempo curto. Entretanto, dado que tal aspecto não se constitui objeto do presente artigo, não nos deteremos nas análises da vida dos isolados, como já realizado anteriormente (ARISI; MILANEZ, 2016; SILVA, B. 2016).

O protagonismo que queremos abordar no presente texto é, em especial, o dos Ticuna. Eles têm mantido relações com outros povos indígenas supracitados, mas também com toda a sorte de outros não índios, como os brancos, sempre visando à luta e à manutenção de sua territorialidade (OLIVEIRA, 2002). O contato com a cultura branca ocorre há mais de 300 anos na região em que habitam, no entanto, mesmo ocorrendo esse contato, eles mantêm inalterado seu modo de vida, como por exemplo, rituais, bem como têm conseguido se inserir na cultura do entorno.



A inserção Ticuna e o seu protagonismo na região do Alto Solimões, zona de fronteira tríplice internacional, pode ser notado em lutas por demandas particulares e/ou em conjunto com os outros povos da região. Algumas lutas dos Ticuna serviram de exemplo para outros povos distantes dali, tendo sido eles também influenciados por conhecimentos desses outros. Inclusive falam duas línguas, o português e o espanhol (COELHO, 2005, p. 57), além da sua própria.

Para tratarmos desse protagonismo indígena Ticuna, lançaremos mão de análises sobre o que esse grupo tem feito. Pontuaremos a ação Ticuna na fronteira, na educação e em outros setores da sociedade e da cultura local. Por esse motivo, em linhas gerais, os escritos que seguem encontram-se divididos em: os Ticuna na fronteira; protagonismo Ticuna na educação; e outras formas do protagonismo Ticuna.

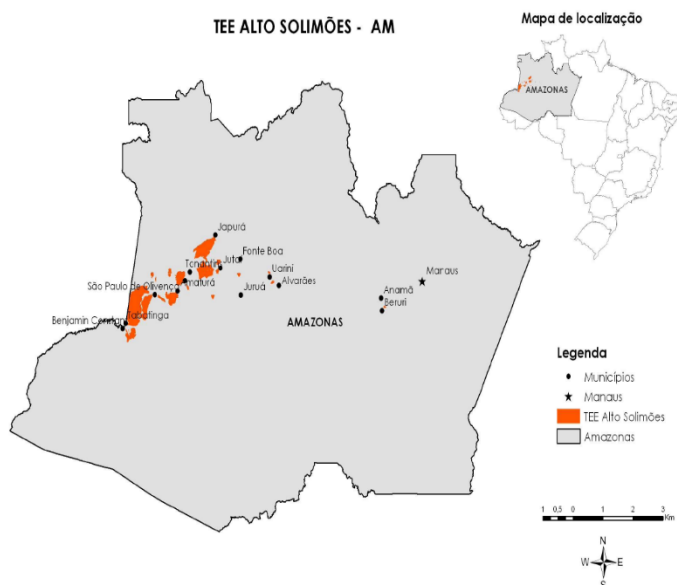
OS TICUNA NA FRONTEIRA

O povo Ticuna vive na fronteira tríplice internacional, na região do Alto Solimões. Há muito tempo, esse povo foi chamado de Tukuna pelo fato de, na época do contato, apresentarem-se com pintura de jenipapo no alto do nariz. Tukuna, em tupi, significa nariz preto. Com o passar do tempo e devido à grande mudança nas variantes linguísticas causada pelo contato, a palavra Tukuna sofreu alterações e configurou-se na atual Ticuna, em decorrência do uso por muitas pessoas de diferentes locais. Segundo sua mitologia:

Os Ticuna se consideram descendentes do povo *Magjita*, que significa pessoas pescadas com varas. Os Ticuna teriam sido pescados pelo personagem mitológico *Yo'i*, como se verá posteriormente no mito tikuna da criação. A designação “Ticuna” se originou do idioma *Tupi* e significa “nariz preto”, em referência ao costume Ticuna de pintar o rosto com tinta de jenipapo para indicar a pertença a determinados clãs. Esta denominação é registrada desde o século XVII por missionários e soldados (SOUSA, 2013, p. 09).

Este cenário mostra o quanto o povo Ticuna preserva a história de seus antepassados, mantendo viva a memória, que é vista fortemente nos dias atuais.

Figura 1 - Localização geográfica dos Ticuna



Fonte: MEC, 2010.

Do lado brasileiro, a concentração maior deste povo está localizada nos municípios de Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Iça e Tonantins, tendo ainda muitos integrantes do povo Ticuna em vários outros municípios do estado do Amazonas e em outros da federação:

Os Ticuna são um grupo indígena de grande representação populacional no Brasil, habitantes da área do alto Solimões no Amazonas. Representam a maior nação indígena do Brasil. Mesmo após mais de quatro séculos de contato com a sociedade ocidental, o povo Ticuna preserva a sua identidade, lutando historicamente pela posse da sua terra e afirmação cultural, embora por vezes, se veja aliciado por movimentos não indígenas da população envolvente (SOUSA, 2013, p. 07).



Apesar do contato com a sociedade contemporânea, esse povo possui uma dinâmica de sociabilidade bastante diversificada para se relacionar com outros povos, visto que, analisando-se a história do contatos realizados, passou por vários conflitos com seringueiros, pescadores e madeireiros na região do rio Solimões, até que criou suas organizações como instrumentos de defesa e de afirmação da identidade.

Por meio da criação das organizações, foi possível aos Ticuna lutar pela terra, saúde, educação, cultura e sustentabilidade econômica e ambiental, surgindo dentre essas associações os grandes movimentos que deram origem ao Museu Magüta e à criação da Organização Geral dos Professores Ticuna Bilingües (OGPTB), entre outros. Os Ticuna também são muito conhecidos pela imponente manifestação da sua cultura; possuem uma complexa língua, falada por quase a totalidade dos integrantes do povo.

Um marco importante acerca desse povo diz respeito à questão mitológica, dado possuírem cultura material de destaque nas máscaras, pinturas clânicas no corpo e rosto, ligadas principalmente ao ritual da Moça Nova, o qual revela os Ticuna como um povo rico, de passado, presente e futuro. O ritual da Moça Nova é relativo à passagem da mulher da fase criança para a fase adulta e consiste em a moça ficar em um lugar isolado da família e da sociedade a partir da primeira menstruação, a fim de se preparar para o ritual. Durante esse período, recebe da mãe e das senhoras idosas da comunidade conselhos e também recomendações de como ser uma boa mulher, assim como sobre o aprendizado da cultura, comida, artesanato, roça e outros afazeres inerentes. Após o período de clausura, é apresentada à comunidade – e começa o ritual. Os pais, juntamente com os idosos, trazem a moça com cantos de aconselhamentos e danças; durante tais momentos, seus cabelos vão sendo arrancando até esta ficar careca. No ritual, são oferecidos o pajuaru (bebida extraída da mandioca e passada por um processo natural de fermentação) e as comidas típicas (peixe assado, carne de caça e outros); ao terminar o ritual, ela é considerada adulta.

Devido ao fato de o povo Ticuna viver em fronteira, registra-se uma quantidade grande de pessoas que residem tanto no Peru quanto na Colômbia, de modo que esse povo se relaciona de forma saudável com indivíduos que moram no país estrangeiro, sem a preocupação do ir e vir, visto que muitos têm parentes nos dois países. Residir no Peru e na Colômbia, para os Ticuna, não é tão favorável, visto que esses países não oferecem aos povos indígenas os benefícios sociais que o Brasil concede, o que faz com que muitos migrem e naturalizem-se brasileiros; tal prática é comum na fronteira.

A situação linguística é estudada por pesquisadores, haja vista se tratar de uma língua que não possui tronco específico, tornando-se a única no país; por outro lado, é considerada complexa devido ao fato de possuir vários glosais que nasalizam palavras, fator que faz com que sua pronúncia se torne difícil.

No contexto educacional, a escola formal foi reforçada por meio da criação da Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues (OGPTB), desenvolvendo uma educação bilíngue (RUBIM; RODRIGUES, 2015, p. 108) no Centro de Formação de Professores Ticuna -Torü Nguépataü, na aldeia de Filadélfia (Benjamin Constant).

Figura 2 - Sede da Organização Geral dos Professores Tickuna Bilíngues - OGPTB



Fonte: Sebastião Rocha de Sousa, 2010.

O Centro de Formação de Professores Ticuna-Torü Nguépataü se destaca por sempre oferecer cursos de formação de professores, incluindo a educação básica e, por último, a educação superior, em uma parceria com a Universidade do Estado do Amazonas (UEA). É possível destacar, ainda, que a OGPTB, há bastante tempo, vem travando lutas para conquistar uma educação que seja acessível e de qualidade a todos os povos tradicionais dessa região.

PROTAGONISMO TICUNA NA EDUCAÇÃO: UM RELATO

A escola tem sido vista pelos Ticuna como instrumento de afirmação étnica e cultural; o espaço é também necessário para a sobrevivência física e cultural. Sem deixar de se constituir como um local de aquisição de saberes, que se articula com o modo de vida sociocultural, na escola se visa à igualdade de condições junto à sociedade do entorno (SILVA, 2015). A instituição de ensino lhes possibilita um maior conhecimento da língua portuguesa, tanto na modalidade escrita quanto na oral, sendo que este saber é fundamental para as relações com o mundo do não índio (SILVA, 2015, p. 97).

No contexto das intenções dos Ticuna concernentes à escolarização e ao seu protagonismo, valemo-nos de um relato da etnia, em que uma indígena revela sua trajetória, da infância até se tornar educadora em duas escolas públicas, uma estadual e outra municipal, no Alto Solimões. Nídia Arcanjo Eleutério, brasileira, Ticuna, terceira filha do senhor Alexandre Eleutério e de dona Nazaré Arcanjo Eleutério, sublinha o que segue:

Tenho cinco irmãos, três homens e duas mulheres. Meu pai está trabalhando como motorista fluvial da FUNASA, no polo base de comunidade indígena Vila Betânia e também ele é comerciante, minha mãe era professora, atualmente ela não atua mais na sala de aula. Sou da nação de Avaí, o meu nome em Ticuna é Meetana, significa copa da árvore bonita. Nasci no dia 12

de março de 1977, na comunidade indígena Macedônia Colômbia. Nasci lá por motivo que meus pais faziam estudo bíblico, e lá ficaram pouco tempo, e com 6 meses de idade eles retornaram comigo para a comunidade indígena Vila de Betânia, município de Santo Antônio do Içá - AM, situada na margem esquerda do rio Içá.

Iniciei meus estudos no pré-escolar em 1983, na Escola Municipal D. Pedro I, em Vila de Betânia. Naquele tempo, as escolas eram de madeira, a minha professora era minha mãe, Nazaré Eleutério. Entrei em contato pela primeira vez com as coordenações motoras para agilizar as forma de escrever as letras do nosso alfabeto e com a contagem dos números naturais. No meu primeiro ano, encontrei dificuldade na escritura. Passei três anos estudando na mesma série e com a mesma professora. Ela que me alfabetizou e aprendi a escrever meu primeiro nome, as palavras e os desenhos. Também aprendi com ela a primeira música: “João trabalha com um martelo”. Essa eu nunca esqueci na minha vida. Essa era a música preferida dela, que sempre cantava com as crianças. Na época, não tinha livro dos alunos, somente o da professora. Naquele tempo não existia mais o castigo dos alunos.

Após os três anos, em 1986, passei a estudar na 1ª série com o professor Henrique Salvador. Naquele ano, não tinha mais a sala de aula, ele trabalhava numa casa que se chamava de enfermaria. Nessa série, eu já estudava no livro Caminho Suave e no Pipoca. Era estranho estudar com aqueles livros, mas aprendia, mesmo com dificuldade, e a cada ano fui melhorando o desenvolvimento de minhas capacidades, passando a entender e perceber o valor da educação na vida do ser humano. Passei quatro anos estudando com professores indígenas.

Em 1987, estudei na 2ª série com a professora não indígena que se chama Isane, na Escola Municipal Dom Pedro I, onde enfrentamos dificuldade pela faltas das cadeiras às vezes. Nessa época, encontrei dificuldade porque não entendia bem a minha segunda língua portuguesa, mas mesmo assim aprendi e entendia o que a minha professora me ensinava. Quando ela me mandou na frente para fazer atividades, eu obedecia a ela. Na 3ª série, em 1988, com a professora Maria Denir de Souza Batalha, na Escola Municipal D. Pedro I, não conseguia passar, porque não sabia interpretar um texto, não conseguia ler o texto grande e na matemática não sabia resolver a multiplicação e divisão, por causa disso não passei para outra série.



Em 1989, estudava na mesma série com o professor Sebastião de Souza Batalha, na escola Municipal D. Pedro I, e naquele ano a escola estava construída de alvenaria, com cinco salas de aulas, onde os alunos estudam atualmente. Nessa série, que o professor trabalha muito com leitura e ditado, foi com ele que aprendi a ler, porque ele exigia muito a leitura em grupo e individual, aonde eu ia me desenvolvendo e aprendendo como fazer a leitura. Ele era um bom professor e nunca brigava com seus alunos.

Ao ano seguinte, eu parei de estudar por motivo de falta de professores para ensinarem a 4ª série, tinha professores somente para 1ª a 3ª série.

No ano de 1991, eu continuei a estudar na 4ª série com o professor Edivão da Silva Garcia, na mesma escola, nessa série não tinha muita dificuldade em cada disciplina, porque já entendia o que o professor ensinava e as tarefas já fazia sozinha. Aquele professor ensinava muito bem seus alunos, não era ruim e nem bravo, gostava de dar aula, a matemática, foi com ele que aprendi as quatro operações, equações do 1º grau e do 2º grau, ele era um ótimo professor.

Quando conclui as séries iniciais, vi que estudar era a minha profissão, naquele momento tinha passado para 5ª série do ensino fundamental, onde senti o impacto, visto estar acostumada apenas com um professor, e na 5ª série tinha sete, os quais exigiram de mim mais esforço e atenção nos estudos.

Neste espaço de tempo, tive prazer de estudar com diferentes docentes, na 5ª, 6ª, 7ª e 8ª série, os meus 5ª, 6ª série terminou na escola Municipal D. Pedro I, os meus 7ª e 8ª série estudava já na Escola Estadual D. Pedro I, entre 1994 a 1995, onde encontrei pouca dificuldade, mas os professores ensinavam de diferentes maneiras para que pudesse entender de maneira clara e objetiva os assuntos por eles passados. Naquela época, teve 2ª turma, formados no 1º grau, no ensino fundamental na referida escola.

Em ano 1996, continuei estudando no 2º grau do ensino médio acadêmica na Escola Estadual Santo Antônio do Içá, no município de Santo Antônio do Içá. Naquele ano, tive outra experiência, que fui estudar à noite, que por sinal foi muito bom, porque eu tinha mais tempo de estudar.

Nesse mesmo ano, houve uma provinha para professor de pré-escolar, nessa prova consegui passar, por causa disso desisti da minha aula na Escola Estadual Santo Antônio. No mesmo ano, tive oportunidade de ingressar no Curso de Formação de Professores Ticuna no nível

de 1º grau (suplência), com a qualificação para o magistério de 1ª a 4ª séries, onde continuei a minha formação profissional, no município de Benjamin Constant, na aldeia de Filadélfia. Estudei 25 disciplinas diferentes aplicadas com os docentes doutorados que vieram de outros Estados, como Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo de Sul e em Brasília, com a carga horária de 1.720 horas. Concluí o curso em 1998.

Nesse mesmo ano, continuei a minha formação profissional de ingressar no curso de ensino médio com habilitação para o magistério no centro de Formação de Professores Ticunas, Torü Nguépataü, para que pudesse gozar de todos os direitos. Nesse curso, tive a carga horária de 2.400 horas e os componentes curriculares foram 25 disciplinas, e através do curso tive novo conhecimento. Esse ofereceu as experiências boas à preparação para o magistério e também muitas orientações que são importantes para a minha vida de professora. Concluí em 28 de fevereiro de 2001. Continuei no curso durante o ano de 2001 e participei das três etapas do curso de Formação Continuada Magistério Indígena, ministrado pela Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngue no Centro de Formação de Professores Ticuna Torü Nguépataü, tendo cumprindo a carga horária de 730 horas e as 11 (onze) disciplinas, eu terminei esse curso em ano de 2002.

No ano de 2006, fiz uma prova para curso de ensino superior e consegui passar nessa prova, em julho desse mesmo ano, tendo a oportunidade de ingressar no curso de Licenciatura para Professores Indígenas no Alto Solimões, na Universidade do Estado do Amazonas - UEA/OGPTB, no Município de Benjamin Constant - AM. Nesse curso, estudei em diferentes áreas de conhecimentos básicos, durante o período de 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª etapas, até 2008. Estudei com as diversas disciplinas ministradas pelos professores que vieram de diferentes estados.

Em 2009, a turma foi dividida por áreas, escolhi a área de linguagem, com três disciplinas específicas: Língua Portuguesa (literatura), Língua Ticuna e Língua Espanhola, ministradas por Sebastiana (língua portuguesa e literatura), Marília Ticuna (Língua Ticuna) e Juan (Língua Espanhola). Esses professores foram meus docentes da 6ª à 10ª etapa do curso, o qual surgiu como a conquista de um sonho, despertando um novo olhar diante da minha realidade. Para cada disciplina, fui adquirido conhecimentos e tendo uma visão mais ampla e desenvolvendo os diversos aspectos e fatores que fundamentam o processo de ensino aprendizagem,



sendo estes relacionados ao meio familiar, social, político e cultural em qual estamos inseridos.

No decorrer de vida como discente e até hoje como docente sempre participava das atividades escolares e de alguns eventos realizados nas escolas, sendo esta através de apresentações no dia das mães, dia dos índios e nos outros eventos. Recentemente, como sou professora de Língua Ticuna na Escola Estadual Indígena D. Pedro I e na Escola Municipal Metacü, participei de algumas atividades escolares, como semana da leitura, campeonato de matemática, organização e a apresentação do painel e dos outros. Foi uma trajetória de estudante que somou à vida profissional e pessoal como indígena e eu buscava galgar novos horizontes (ELEUTÉRIO, 2011, p. 10-15).

PROTAGONISTAS NA UEA E NA UFAM

O exemplo supracitado é de conquista e superação indígena nessa região amazônica do Alto Solimões - AM. Foi exatamente a partir de 2002, quando se iniciou a participação em cursos de formação, principalmente para professores Ticuna, Kokama, Caixana e Cambeba. Esses cursos surgiram a partir das discussões com professores e com lideranças indígenas sobre as políticas educacionais na região; desses encontros, surgiu o projeto do curso de licenciatura para os indígenas do Alto Solimões, visando-se à realização do Curso de Licenciatura para Professores Indígenas do Alto Solimões e à consolidação do funcionamento desse curso na aldeia, observando-se como as lideranças buscaram parceria com a Universidade do Estado do Amazonas (UEA). O resultado do estabelecimento dessa parceria foi alcançado, em 2006, quando se iniciou a formação em educação superior para os indígenas.

Figura 3 - Turma de educação superior indígena do Alto Solimões - AM



Fonte: Maria Auxiliadora, 2010.

O curso destinou-se a 230 professores do povo Ticuna, dispondo de 20 vagas para os professores dos povos Cocama, Caixana e Cambeba. Assim, tal como muitas organizações indígenas do país, a OGPTB luta pelo cumprimento da Legislação de Educação Escolar Indígena na região do Alto Solimões. Embora os membros dessa organização enfrentem dificuldades de toda ordem, a sua persistência e a incansável mobilização têm permitido superar inúmeros obstáculos e desafios para fazer valer os direitos dos povos indígenas de atuarem com autonomia na condução de seus projetos, de suas escolas e de seus propósitos por melhores condições de vida. O Centro de Formação de Professores Ticuna *Torü Ngepataü* é local de referência da escola ticuna da educação básica, assim como o Museu Magüta da cultura.

Os Ticuna, com o propósito de registrar a memória e de promover e preservar a cultura do povo, criaram o Museu Magüta, no município de Benjamin Constant, em que se encontram uma biblioteca, artefatos da cultura indígena e instrumentos utilizados no dia a dia desse povo.



Figura 4 - Museu Magüta, em Benjamin Constant



Fonte: Sebastião Rocha, 2009.

Instalado em uma casa de arquitetura simples, cercado por jardim com flores – sendo que algumas espécies botânicas são usadas na confecção e decoração de artefatos indígenas –, o Museu tornou-se referência nacional, sendo afiliado ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. Já na Universidade Federal do Amazonas, o protagonismo do povo Ticuna tem sido marcante, estando presente nas lutas por melhorias para os estudantes da etnia (LIMA et al., 2016).

Os Ticuna compõem a maioria dos estudantes indígenas no Instituto de Natureza e Cultura (INC) da UFAM. Estão presentes em todos os seis cursos de graduação da unidade, quais sejam: Bacharelado em Administração; Bacharelado em Antropologia; Licenciatura em Ciências Agrárias e do Meio Ambiente; Licenciatura Dupla em Ciências: Biologia e Química; Licenciatura Dupla em Letras: Português e Espanhol; e, por fim, Licenciatura Plena em Pedagogia. Salientamos, ainda, que dentre as demandas dos Ticuna está o fortalecimento dos seus propósitos nas escolas públicas localizadas em suas terras, de maneira a buscar que estes aparelhos do Estado tenham abordagens educacionais diferenciadas, tal como preconiza a Lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Os Ticuna, assim como está disposto na lei, querem que as escolas tenham em suas administrações preocupações com as diferenças étnicas da qual eles são parte. Eles também

desejam que estes locais contribuam para a formação de quadros indígenas, aspiram que os seus conteúdos sejam reconhecidos e adaptados à realidade local, bem como que sejam criadas condições para autonomia e autogestão de projetos escolares (RUBIM; RODRIGUES, 2015, p. 111).

Faz-se necessário, também, mencionar que os Ticuna têm se utilizado da educação intercultural do lado colombiano da fronteira, na qual eles também habitam e desenvolvem sua cultura. Um desses estudos diz respeito à educação escolarizada e intercultural na escola Santa Izabel, na comunidade de Macedônia. Ali, foi possível observar que os Ticuna têm usado esses espaços para tomadas de decisões políticas e econômicas; tais decisões têm a participação dos educadores e dos membros da comunidade local. As lideranças do povo Ticuna, preocupadas com a manutenção de sua língua-mãe, que os educandos estão deixando de lado, investiram em parcerias com a comunidade e contrataram duas pessoas para garantir a permanência viva da cultura linguística da etnia (PINTO, 2016, p. 112).

Muitos estudantes Ticuna já se destacaram em seus cursos de graduação e seguiram estudos em programas de pós-graduação, na própria universidade. Muitos já são mestres e encontram-se pleiteando o doutorado, mas outros já alçaram voos mais distantes: há uma estudante Ticuna de doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no estado de São Paulo, tendo sido graduada em Antropologia, na unidade da cidade de Benjamin Constant.

OUTRAS FORMAS DE PROTAGONISMO DOS TICUNA

Os Ticuna têm, indubitavelmente, um papel relevante no cenário sociocultural da região da tríplice fronteira. Tal fato se deve por terem envolvimento na vida cotidiana em muitas esferas, sejam elas políticas, sociais, artísticas ou outras. A seguir, há algumas dessas inserções.



Na cidade de Tabatinga - AM, que faz fronteira seca com a cidade de Letícia, na Colômbia, há uma sede da Fundação Nacional do Índio (Funai) em que, após muitos anos sem concurso público, houve um processo seletivo para todo o Brasil. Neste, foi aprovada para a coordenação da sede – parece-nos, pela primeira vez – uma integrante do povo Ticuna. Ela se chama Mislene Metchacuna Martins Mendes (é filha de uma liderança indígena); foi aluna da UFAM no Alto Solimões, na unidade acadêmica de Benjamin Constant, no curso de Antropologia, tendo defendido seu mestrado na mesma instituição acadêmica, em Manaus, no curso de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAS). Estes acontecimentos mostram o protagonismo da etnia na região e, em especial, das mulheres Ticuna que se encontram nos bancos acadêmicos.

Já há alguns anos, em viagem para fora do estado, uma liderança universitária Ticuna tomou conhecimento da existência de bolsas de estudos especiais para indígenas. A partir de então, foi iniciada uma luta dos universitários indígenas da UFAM, da unidade de Benjamin Constant, visando a mais essa conquista. Posteriormente, foram implementadas bolsas de estudos para todas as etnias que integram os quadros da unidade benjaminense; uma vez mais, sinal do protagonismo Ticuna.

A Associação das Mulheres Indígenas Ticuna (AMIT), que luta por melhores condições da etnia, localiza-se em Benjamin Constant. Esta instituição incentivou a criação e os interesses de mulheres indígenas de outras etnias da região, em especial, do Vale do Javari, impulsionando o desenvolvimento de projetos acadêmicos (RODRIGUES, 2012).

Figura 5 - Associação das Mulheres Indígenas Ticuna (AMIT) - em Benjamin Constant



Fonte: Michel Justamand, 2011.

Os Ticuna edificaram entre si um controle social que, independentemente de nossa visão sobre a temática, constitui-se uma outra forma de protagonismo: criaram a sua própria polícia, em 2008. Esta instituição se chama Polícia Indígena do Alto Solimões (PIASOL), tendo sido implantada por seus próprios caciques, agentes de saúde, professores, pastores, representantes de movimentos indígenas, gestores de escolas, pais e alunos. Essa atitude foi tomada graças a problemas vivenciados por eles próprios em suas comunidades (MENDES, 2012; RUBIM; RODRIGUES, 2015, p. 106).

A sabedoria Ticuna é responsável pela criação da bebida fermentada que nominamos de cerveja; ela é feita especialmente para eventos sociais, tais como o ritual da Moça Nova, sendo oferecida para todos os participantes (JUSTAMAND, 2016, p. 125). A agricultura familiar é uma das formas de resistência dos Ticuna; desenvolvem, ainda de forma artesanal, a reprodução da farinha. Essa ação significa uma reserva de recursos alimentares, bem como a própria segurança frente a qualquer intempérie política, social, climática ou outras, conforme aponta Adailton da Silva (2016).

Amazônia Quer indígena é um texto que trata das relações de gênero na sociedade Ticuna. Nele, são descritas condições sociais, familiares e



afetivas de mulheres que, em suas comunidades, assumiram relações homoafetivas. Tais escritos mostram que há questões de gênero que nem sempre foram apontadas em outros estudos mais tradicionais sobre esse universo étnico (GUILHERME, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal como apontado anteriormente, os Ticuna são habitantes da área do Alto Solimões, no Amazonas, na fronteira do Brasil, Colômbia e Peru. Eles compõem o maior grupo indígena de representação populacional no Brasil. Mesmo após mais de quatro séculos de contato com a sociedade ocidental, esse povo ainda preserva sua cultura, lutando historicamente pela posse de sua terra, por atendimento à saúde, por educação e por sua afirmação cultural. Embora, por vezes, infelizmente, sejam aliciados por movimentos não indígenas da população envolvente.

A história da criação desse povo passa por um viés mitológico ímpar, fazendo com que tanto os rituais como as questões linguísticas sejam únicas, constituindo-se um diferenciador mundial. O seu território guarda um patrimônio cultural e mítico muito rico, capaz de chamar atenção de muitos pesquisadores.

Assim como foi apontado, a educação vem sendo conquistada de forma incontestante. Seja por meio da criação da OGPTB, que, em parceria com a Universidade do Estado do Amazonas (UEA) vem formando professores para atuarem nas escolas da rede de educação básica, seja com a presença de muitos estudantes universitários oriundos dessa etnia protagonista tanto no Alto Solimões, como no Amazonas e na região fronteiriça tríplice.

Eles têm ainda um espaço privilegiado destinado à guarda patrimonial de seus artefatos históricos, que é o museu Magüta. Ali também se concentra o registro de suas primeiras comunidades, bem como os utensílios utilizados por eles. É sempre importante frisar que os Ticuna têm

se mantido fiéis a suas tradições ancestrais de luta e busca por melhores condições de vida. Esse espírito pode ser encontrado na permanência nos bancos universitários de graduação e, posteriormente, de pós-graduação, visando sempre a terem uma inserção no mundo dos não índios – modo como gostam de tratar todos os que se diferem deles.

Temos como certo que o protagonismo do povo Ticuna na região amazense é fruto de sua longa história de luta e busca. É mais do que isso: é um exemplo para as suas futuras gerações buscarem novos voos ou pescarias. Queremos destacar ainda que os Ticuna, com sua forma de vida, ações, criações e instituições – sejam sociais, educacionais ou culturais –, são exemplo para outras etnias da região e, quiçá, também para as de diferentes partes do Brasil e do mundo.

REFERÊNCIAS

ADOVASIO, J. M.; PAGE, Jake. **Os primeiros americanos**. Em busca do maior mistério da arqueologia. Rio de Janeiro: Record, 2011.

AUXILIADORA, Maria. Turma de educação superior indígena do Alto Solimões - AM. Fotografia digital. **Acervo pessoal da autora**. Jun. 2010.

ARISI, Bárbara; MILANEZ, Felipe. De índios isolados a ignorados: conflitos no Vale do Javari, AM. In: JUSTAMAND, Michel; RODRIGUES, Gilse Elisa; CRUZ, Tharcísio Santiago (orgs.). **Fazendo Antropologia no Alto Solimões: diversidade étnica e fronteira**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2016. p. 37-66.

COELHO, Marco Antonio. Warwick Kerr: a Amazônia, os índios e as abelhas. In: **Estudos avançados**. Dossiê Amazônia Brasileira I. USP. Instituto de Estudos Avançados, vol. 1, n. 1, São Paulo: IEA, 2005.

ELEUTÉRIO, Nídia Arcanjo. **Formação de Professores Bilíngues do Alto Solimões**. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em Letras) - Curso de Educação Escolar Indígena, Universidade do Estado do Amazonas, 2011.

GUAPINDAIA, Vera; PEREIRA, Edithe (Orgs.). **Arqueologia Amazônica**. v. 1. Belém: MPEG; IPHAN; SECULT, 2010.



GUILHERME, Josiane. Amazônia queer indígena: relações homoafetivas na sociedade ticuna. In: JUSTAMAND, Michel; RODRIGUES, Gilse Elisa; CRUZ, Tharcísio Santiago. **Fazendo Antropologia no Alto Solimões: educação e gênero**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2016.

HECK, Egon; LOEBENS, Francisco; CARVALHO, Priscila D. Amazônia indígena: conquistas e desafios. In: **Estudos avançados**. Dossiê Amazônia Brasileira I. USP. Instituto de Estudos Avançados, vol. 1, n. 1, São Paulo: IEA, 2005.

JUSTAMAND, Michel. Associação das Mulheres Ticuna – AMIT. Benjamin Constant/AM. Fotografia digital. **Acervo pessoal do autor**. Set. 2011.

_____. **Comunicar e Educar no território brasileiro: uma relação milenar**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2012.

_____. Uma pequena contribuição para os debates antropológicos no Brasil: algumas experiências de Benjamin Constant. In: JUSTAMAND, Michel e SILVA, Adailton (orgs.). **Fazendo Antropologia no Alto Solimões 2**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2015.

_____. Diversidade na Tríplice Fronteira Amazônica: Brasil, Colômbia e Peru. In: JUSTAMAND, Michel; RODRIGUES, Gilse Elisa; CRUZ, Tharcísio Santiago. **Fazendo Antropologia no Alto Solimões: diversidade étnica e fronteira**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2016. p. 103-128.

LIMA, Claudia; NASCIMENTO, Albergson Ferreira; RAMOS, Alice de Lima; ORTEGA, Anderson Barroso; NASCIMENTO, Kirsan Rocha do; BATISTA, Neicylane de Souza. Assistência Social e inclusão educacional no Alto Solimões - AM. In: JUSTAMAND, Michel; RODRIGUES, Gilse Elisa; CRUZ, Tharcísio Santiago (Org.). **Fazendo Antropologia no Alto Solimões: diálogos interdisciplinares**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2016. p. 29-42.

LIMA, Helena Pinto; COSTA, Fernando W. da Silva; NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia Amazônica**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas. Secretaria do Estado da Cultura. Amazonas: CCPA, 2007.

MAGALHÃES, Marcos Pereira (Org.). **Amazônia Antropogênica**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016.

MEC. Ministério da Educação. **Mapa dos territórios etnoeducacionais, Localização geográfica dos Ticuna**, 2010.

MEGGERS, Betty J. **Amazônia**. A ilusão de um paraíso. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987.

MELO, Patrícia Pinheiro de. O problema do povoamento da América: uma nova proposta explicativa. **CLIO**, Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco – Série Arqueológica, Recife, UFPE, n. 14, p. 263-272, 2000.

MENDES, Mislene Metchacuna Martins. O contexto social que possibilitou a criação da organização indígena Tikuna PIASOL. In: JUSTAMAND, Michel; RODRIGUES, Gilse Elisa. **Antropologia no Alto Solimões**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2012. p. 11-27.

NEVES, Lino João de Oliveira; LOEBENS, Guenter Francisco. Povos indígenas Isolados na Amazônia. A luta pela sobrevivência. Manaus: EDUA, CIMI, 2011.

OLIVEIRA, João Pacheco. Ação indigenista e utopia milenarista. As múltiplas faces de um processo de territorialização entre os Ticuna. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcita Rita. **Pacificando o Branco: cosmologias de contato no Norte-Amazônico**. São Paulo: UNESP; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

PARELLADA, Alejandro (Org.). **Povos Indígenas em isolamento voluntário ou em contato inicial na Amazônia e no Gran Chaco**. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e Memória. Laboratório de Estudos do Imaginário; Copenhagen: DIN – IWGIA. 2007.

PEREIRA, Edithe. **Arte Rupestre na Amazônia – Pará**. Belém: Museu Emílio Goeldi; São Paulo: UNESP, 2003.

PINTO, Maria Auxiliadora Coelho. Educação escolarizada e intercultural: desafios de uma escola do campo de El Vergel – Colômbia. In: JUSTAMAND, Michel; SANCHEZ, Camilo Torres; SOUZA, Josenildo Santos de. **Diálogos Híbridos**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2016. p. 111-122.

RICARDO, Beto; RICARDO, Fany. **Povos indígenas no Brasil: 2006-2010**. São Paulo: ISA, 2011.

ROCHA, Sebastião. Museu Magüta, em Benjamin Constant. Fotografia digital. **Acervo pessoal do autor**. Set. 2009.

RODRIGUES, Gilse Elisa. Reflexões Antropológicas, saberes interculturais e diálogos femininos no Vale do Javari - AM. In: JUSTAMAND, Michel e RODRIGUES, Gilse. **Fazendo Antropologia no Alto Solimões**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2012. p. 45-62.



RUBIM, Mara Francisca Silva; RODRIGUES, Renan Albuquerque. Escola em aldeia Ticuna: construindo processos educacionais na comunidade Vila Betânia, Alto Solimões. In: JUSTAMAND, Michel; SILVA, Adailton da. **Fazendo Antropologia no Alto Solimões 2**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2015. p. 105-112.

SCHAAN, Denise; RANZI, Alceu; PÄRSSINEM, Martti (Orgs.). **Arqueologia da Amazônia Ocidental: os geoglifos do Acre**. Belém: EDUFPA; Rio Branco: Biblioteca Ministra Marina Silva, 2008.

SILVA, Adailton da. Centro e ciclo: notas sobre a produção de farinha de uma família Ticuna na comunidade de Filadélfia (Benjamin Constant – AM). In: JUSTAMAND, Michel; RODRIGUES, Gilse Elisa; CRUZ, Tharcísio Santiago. **Fazendo Antropologia no Alto Solimões: diversidade étnica e fronteira**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2016. p. 19-36.

SILVA, Bernardo Natividade Vargas da. Dinâmicas urbanas e territorialidades indígenas no Vale do Javari. In: JUSTAMAND, Michel; RODRIGUES, Gilse Elisa; CRUZ, Tharcísio Santiago. **Fazendo Antropologia no Alto Solimões: diversidade étnica e fronteira**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2016. p. 67-82.

SILVA, Antônia Rodrigues da. Como vejo a escola: concepções dos índios ticuna do Alto Solimões – AM. In: JUSTAMAND, Michel; SILVA, Adailton da. **Fazendo Antropologia no Alto Solimões 2**. Embu das Artes: Alexa Cultural, 2015.

SOUSA, Sebastião Rocha de. Sede da Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngues – OGPTB, em Benjamin Constant. Fotografia digital. **Acervo pessoal do autor**. Maio. 2010.

SOUSA, Sebastião Rocha de. **Conflitos de identidade entre os jovens da etnia tikuna na comunidade de Umariaçu I na terra indígena Eware I no município de Tabatinga - AM**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <http://tede.est.edu.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=543>. Acesso em: 10 jan. 2017.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (Orgs.) **Indígenas no Brasil**. Demandas dos povos e percepções da opinião pública. São Paulo: Perseu Abramo, 2013.